



Parceria



Vento de Esperança

Manoel Luiz Cerqueira Filho
Rita Simone Barbosa
Mirsa Mara Barreto
(Organizadores)



Vento de Esperança

Manoel Luiz Cerqueira Filho
Rita Simone Barbosa
Mirsa Mara Barreto
(Organizadores)

C238vh Barbosa, Rita Simone; Barreto, Mirsa Mara; Cerqueira Filho, Manoel Luiz;(Org).
Vento de Esperançar/ Manoel Luiz Cerqueira Filho; Mirsa Mara Barreto e
Rita Simone Barbosa (Organizadores). Juliana Barbosa Barreto (Ilustradora).
Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.
Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba (ASCAMAI).
Livro digital. Aracaju, 2025.

E-book.

22,7 MB (23.902.798 bytes) . 30 p.il., color.PDF

1. Literatura Infantojuvenil 2. Literatura Sergipana 3. Literatura - Ficção
4. Rede Solidária de Mulheres de Sergipe 5. Catadoras de Mangaba
I. Título II. Manoel Luiz Cerqueira Filho (Org) III. Rita Simone Barbosa (Org)
IV. Mirsa Mara Barreto (Org.) V. Assunto VI. E-book

CDU 82-93(813.7)

© 2025 Rede Solidária de Mulheres de Sergipe

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia e por escrito do autor/editor.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da Imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais reais é mera coincidência.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sujeitando o infrator às penalidades legais.

Organizadores: Manoel Luiz Cerqueira, Rita Simone Barbosa e Mirsa Mara Barreto

Argumento: Alícia Santana Salvador, Alzilene Santana Salvador, Dilva de Souza Santos, Edinalva Tavares dos Santos, Jane de Souza Santos, Maria Aliene dos Santos, Maria Eugênia Lima Santos, Maria Gildete Martins Santos, Maria Helena Santos Vieira, Maria Ivanete Cardoso de Jesus, Maria José Ferreira da Silva, Marlene Santos, Rosilene Fernandes Santos, Sarah Jennifer Souza Oliveira, Silvana Correia dos Santos e Valdenora Santos Ribeiro.

Ilustração: Juliana Barbosa Barreto

Revisão: Tânia Regina Barbosa

Diagramação: André Silva

Apresentação

Este livro é fruto de uma oficina de literatura realizada em março de 2025 com mulheres de diferentes territórios, que, com generosidade, compartilharam suas experiências de infância. A publicação valoriza e reconhece a importância de mulheres que, ao ressignificarem suas vivências e seus espaços, colaboram para a transformação coletiva e inspiram centenas de outros grupos sociais.

Durante o encontro, as participantes mergulharam em suas memórias, partindo de seus nomes, de seus significados, de objetos afetivos e lembranças da infância. Evocaram cantigas de roda, receitas tradicionais, quitutes e doces, mas também revisitaram infâncias marcadas por dificuldades, como o trabalho precoce, as ausências afetivas e a negação de direitos fundamentais.

Como era de se esperar, imagens simbólicas emergiram do inconsciente e, por meio de formas e cores, revelaram signos repletos de significados — manifestações que também se expressam através da linguagem gráfico-plástica. Ao revelar a semântica da memória que, ao mesmo tempo em que nos cativa, também nos alerta para o paradoxo vivido por tantas Brisas, Celestes e Sindolas, a Rede Solidária de Mulheres de Sergipe cumpre um papel que ultrapassa os limites de sua estrutura organizativa.

Por meio de um vocabulário identitário, das nuances linguísticas e dos marcadores de pertencimento, construiu uma teia textual rica e pulsante, capaz de gerar sentidos, reconhecimento e uma visão de mundo fundamentada na liberdade. Nesse movimento, ao ampliar sua própria percepção, a Rede expandiu também a compreensão de todas as pessoas que se identificam com o imaginado, o vivido e o narrado.

Não seria exagero dizer que essa prática da Rede também dialoga com a noção de “escrevivência”, cunhada por Conceição Evaristo, pois trata-se de uma escrita que ultrapassa o individual e ecoa vozes coletivas — uma narrativa que inspira, educa e transforma.

Vento de esperar é, sem dúvida, uma contribuição valiosa para a reafirmação, valorização e registro histórico dos saberes e fazeres ancestrais das mulheres do nosso povo.

O projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe é realizado pela Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba, com a parceria da Petrobras e apoio da Universidade Federal de Sergipe e do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe.

O tempo no vilarejo Esperança tinha o ritmo do vento morno, o movimento das águas da maré, o cheiro de fruta madura, o som dos pássaros e bichos do território e as cores matizadas do nascer e do pôr do sol. Possuía o barulho alegre das crianças do lugar, que, em meio às brincadeiras, afazeres e trabalho, colaboravam para compor a paisagem sonora dali.



An illustration of a village scene. Several yellow houses with red-tiled roofs are built on a green, grassy hill. The houses have small windows and doors. In the foreground, a large green bush or tree partially obscures the view. The sky is a pale, hazy green. The overall style is simple and colorful.

Espere!

Mas as crianças de Esperança
trabalhavam?

Sim, porque elas tinham que
trabalhar desde muito pequenas.

Que pena!

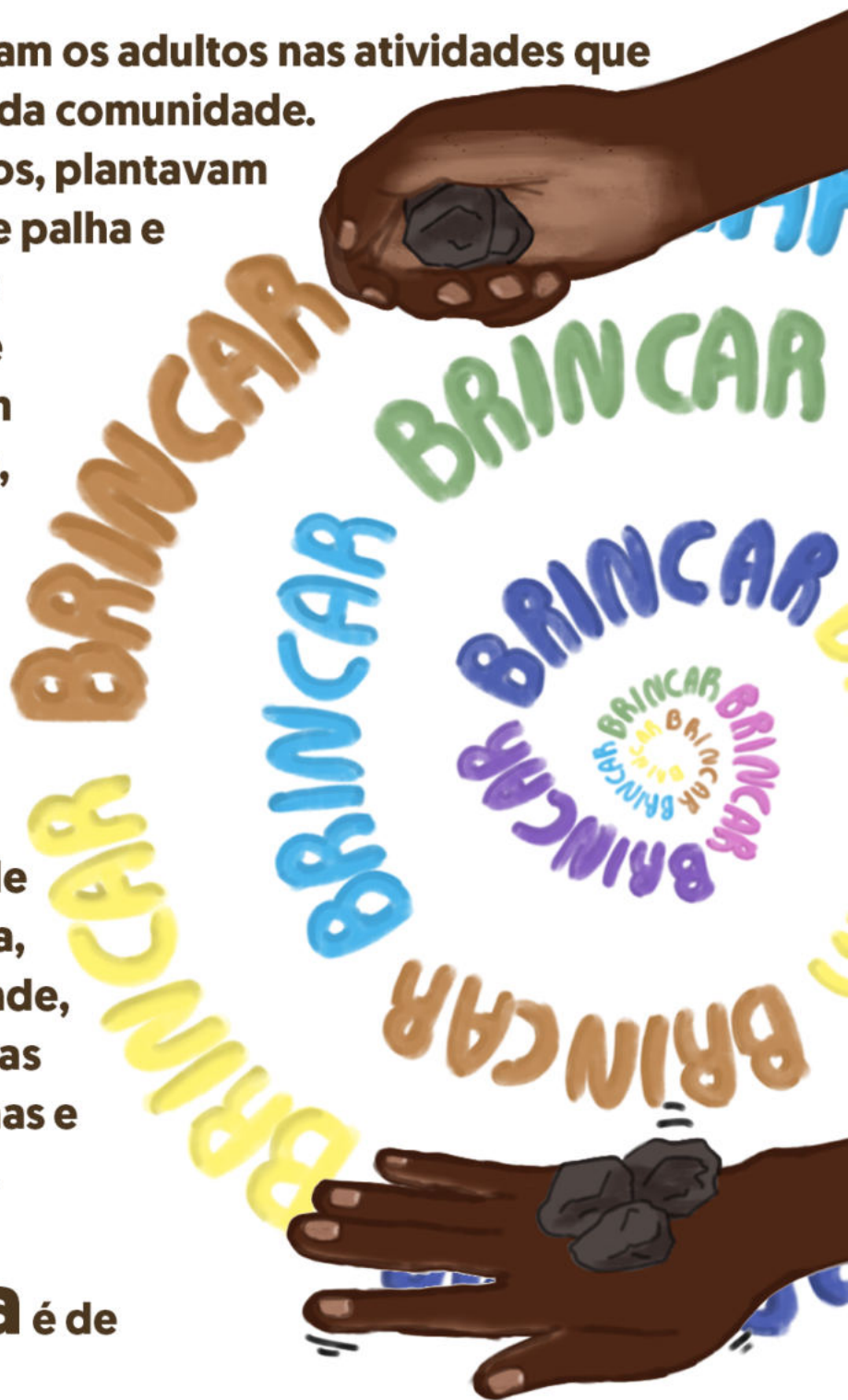
De todo modo, elas ajudavam os adultos nas atividades que garantiam a sobrevivência da comunidade.

Pescavam, catavam mariscos, plantavam na roça, faziam artesanaria de palha e barro, bordados e catavam mangaba, fruto suculento e perfumado, que deixava um visgo na boca da criançada, que sempre competia para ver qual era

a boca mais grudenta.

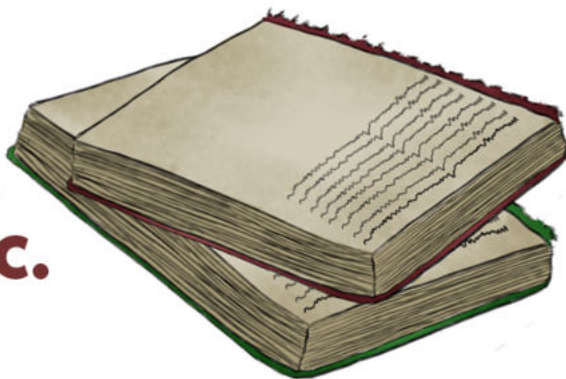
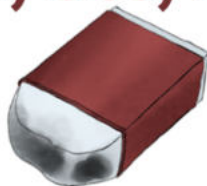
Também gostavam muito de brincar de roda, pular corda, amarelinha, esconde-esconde, pedrinha, palitinho, bolinhas de gude, de fazer comidinhas e muitas outras brincadeiras.

Porque **criança** gosta e precisa é de



Mas e a escola, elas não iam para a Escola? Em Esperança não havia Escola, quer dizer, tinha, porque lá muita coisa se aprendia, inclusive a ler, contar e escrever. Mas não era numa casa de parede, com telhado, quadro, giz, boletim, chamada,

**etc, etc, etc,
etc, etc, etc,
etc.**



Era uma Escola diferente, a qual considerava os saberes e fazeres do lugar. Só que lá também havia livros. Eles eram usados, alguns velhinhos, todos foram doados pela escola da cidade e, em sua maioria, trazidos pela professora Dona Celeste. Alguns desses livros já estavam sofridos pelo uso: faltavam capas, páginas e até o final das histórias. Mas isso não era problema, pois, sabiamente, ela usava dessa carência para aguçar a criatividade das crianças, pedindo que cada uma imaginasse o fim da história, usando os lápis, borrachas de ponta e cadernos que a abnegada professora conseguia de doação.

Ahhh Dona Celeste, bondosa por vocação,
dedicada de coração, nasceu em
Esperança, mas passou boa
parte da infância e adolescência lá pras
bandas dos canaviais de Pernambuco,
onde, com o professor Paulo, aprendeu a
escrita e a **leitura** das letras e do
mundo. A partir dessa
experiência, decidiu ser educadora
e, enquanto lutava para que ali
tivesse de fato e de direito uma
escola, ela se propunha a fazer
um trabalho voluntário
alfabetizando e letrando
aquelas **crianças**.



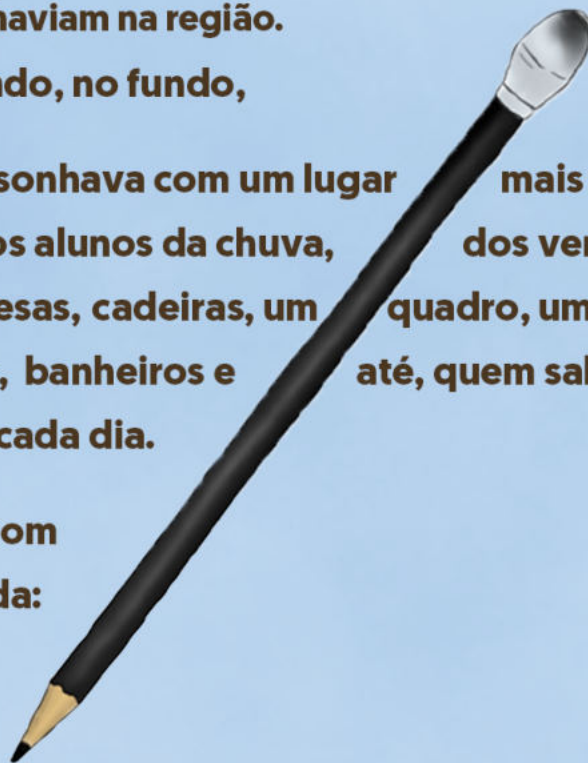
Sim....mas, se essa escola não tinha parede, telhado, quadro, giz, boletim, chamada, etc, etc, etc, etc, etc, etc, etc, onde aconteciam as aulas? Dona Celeste não se preocupava muito com isso, pois reunia sua curiosa turminha num lugar importante dali: a sombra da velha e frondosa mangabeira, que ficava no centro do povoado e era conhecida como **“Mangabeira Mãe”**, pois era tida como a primeira de todas que haviam na região.

No entanto, no fundo, no fundo,

Dona Celeste sonhava com um lugar mais adequado para suas aulas, que protegesse os alunos da chuva, dos ventos e das mutucas. Um lugar que tivesse mesas, cadeiras, um quadro, um mural para colocar os desenhos das crianças, banheiros e até, quem sabe, uma cozinha para fazer a merenda de cada dia.

Ela sempre **sonhava** com esse lugar e as palavras da fachada:

**Escola
Esperançar**



A large, leafy tree with orange fruits against a blue sky. The tree is positioned on the right side of the frame, with its branches extending towards the left. The leaves are a vibrant green, and several round, orange fruits are visible hanging from the branches. The background is a clear, light blue sky.

A **Mangabeira Mãe** tinha sua grande importância, pois estava fincada naquela terra há muito e muito tempo. Dizem até que desde a época em que o lugar se chamava

TUMAINI.

palavra de origem africana

que missionários católicos insistiram em mudar, quando acamparam no povoado para ensinar rezas, crenças e devoções. Prometeram salvação e vida eterna, caso as lideranças trocassem o nome do Swahili, língua bantu da África Oriental, para o português, ou seja, de Tumaini para Esperança. E assim ficou.



Quem contava essa história era Dona Sindola. Ahhhh

Dona Sindola!

A mais velha e respeitada moradora dali.

Mestra muito sábia, conhecia tudo sobre as plantas e os bichos, o movimento das marés e as fases da lua. Era benzedeira, parteira, excelente no trançado da palha de ouricuri, e fazia como ninguém os mais saborosos doces e licores com as frutas dos quintais. Dizia ser descendente de africanas e indígenas e que sua avó estava em Esperança desde antes da tal da Lei Áurea, que, segundo ela, não libertou ninguém.

Acolhia as pessoas nas necessidades das dores do corpo e da alma, mas também sabia ser brava quando o respeito e a gratidão eram feridos. Ela não admitia que alguém ferisse a dignidade de Esperança e de todos os seres vivos que lá moravam.

**— Dona Sindola! Dona Sindola!
Dona Sindola!**

Gritavam em alvoroço as crianças, que, correndo, se aproximavam. Eram filhas e filhos dos moradores, sendo que a maioria era composta por meninas.

**— Que zoadá é essa
meus fio?**

Mesmo feliz e satisfeita, falou entre sorrisos:

**— Parem com isso.
Que gritaria é essa
Agora não é hora
de brincadeira!**



**Mas a
criançada
logo deu as
mãos e
começou a
cantar:**

*— O Uso dessa Rainha
É o uso mais singular
E bota o joelho em terra
Faz o povo se admirar...*

Dona Sindola sacode a saia.

Dona Sindola levante os braços

Dona Sindola tem dó de mim,

Dona Sindola me dá um abraço...

**— Parem com isso, crianças!
Não é hora de brincadeira!**

**— Ah Dona Sindola, então
conte uma história pra gente?**

**— Agora não posso, tá ficando de
noitinha. Deixe pra outra hora.
Preciso ralar o milho pra
fazer o cuscuz.**

— Conte só uma historinha pequenininha de nada pra gente, Dona Sindola,

insistiu a menina Brisa, que era a mais despachada do grupo. Menina preta, grandona para seus dez anos, magricela, com olhos grandes e castanhos que pareciam dois cambuís maduros. Era muito querida por sua sagacidade, inteligência e beleza. Sempre estava à frente das brincadeiras, com seu espírito de liderança e não cansava de sonhar e dizer:

— Ahhhhhh... como eu queria que tivesse uma Escola aqui em Esperança!

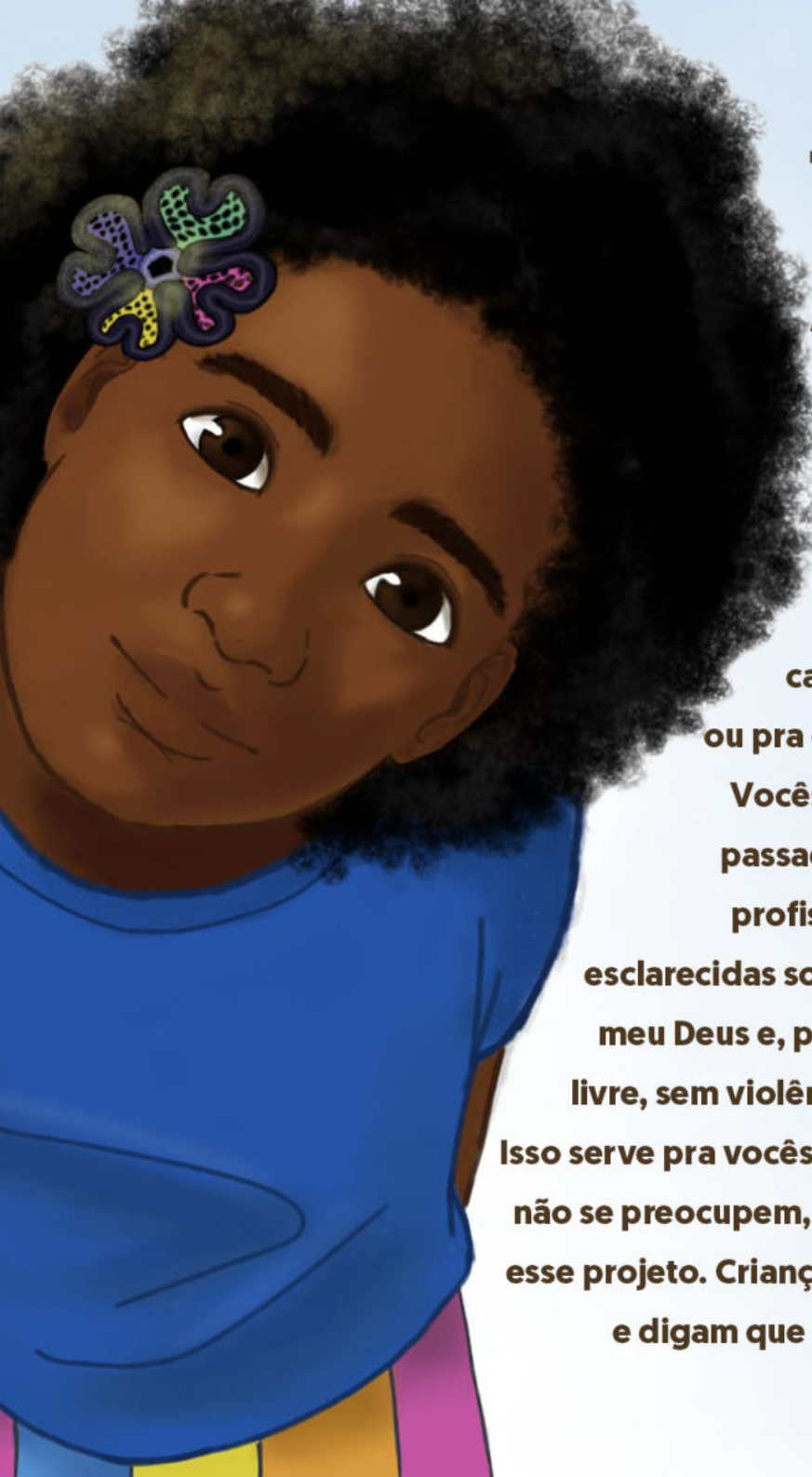
Trazendo Brisa para seu colo, Dona Sindola falou:

— Ah, minha fia, cada coisa no seu tempo, pois o tempo é sábio e não devemos perder a fé de que numa hora tudo vai se resolver.

— Mas sabe o que seu Joca Barbudo disse, Dona Sindola? Que a gente não precisa de escola. A gente precisa é trabalhar.

— Pra que estudar? Ele gritou pra mim um dia.



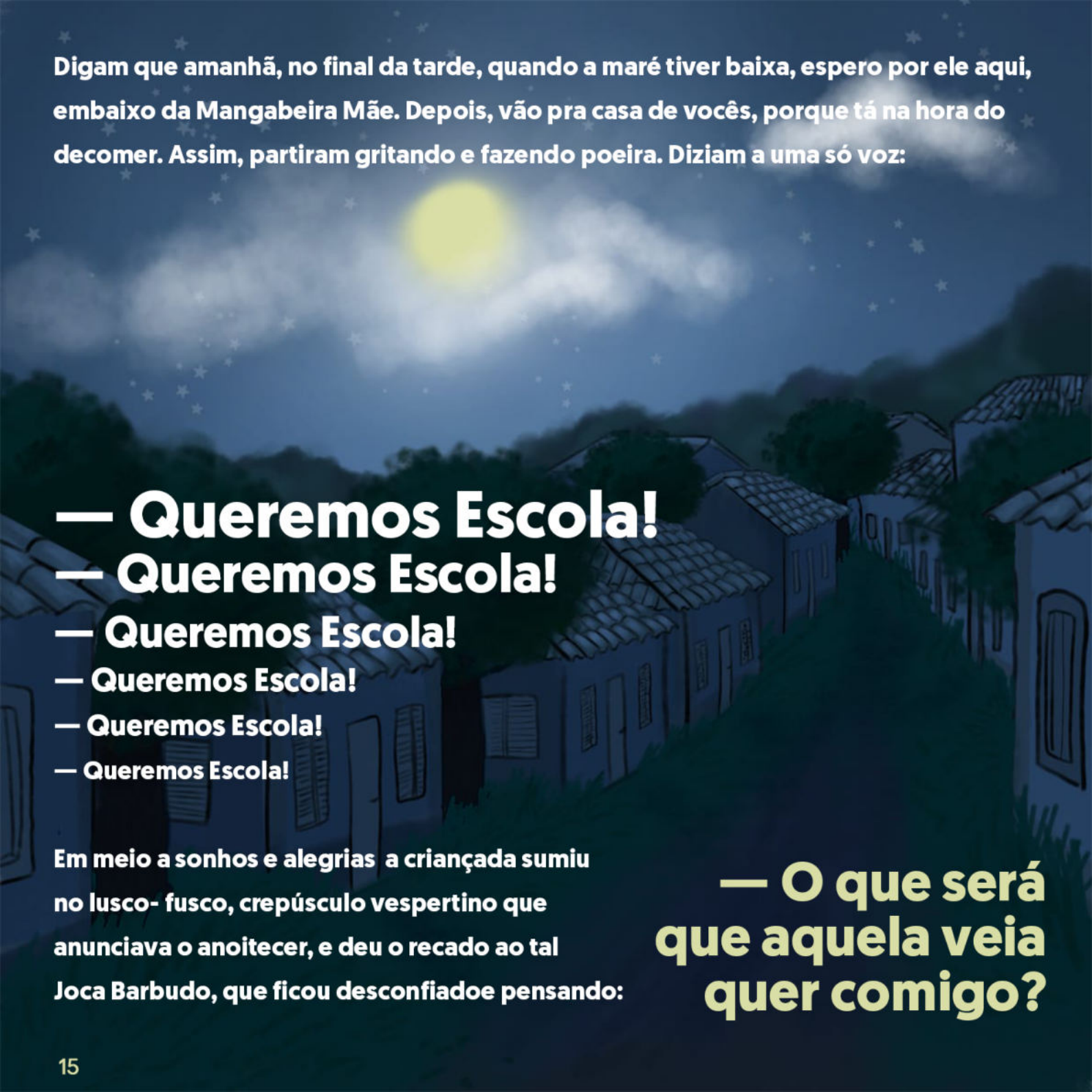


— Ah Brisa, meuzamô!

Aquele homem é um bruto, ignorante,
casca grossa, um jumento batizado.

Vou dizer uma coisa pra vocês,
principalmente as meninas: nunca
abaixem a cabeça!!! Respeitem, mas
procurem ser respeitadas. Quando o
calo doer, venham contar tudo pra mim
ou pra os pais de vocês. Não sofram caladas.

Vocês não irão crescer como as meninas do
passado, não. Vocês serão diferentes. Terão
profissão, vão mandar nas suas vidas, serão
esclarecidas sobre o papel de vocês neste mundo de
meu Deus e, principalmente, terão uma vida digna e
livre, sem violência ou gente pra mandar calar a boca.
Isso serve pra vocês também, meninos! E, quanto à Escola,
não se preocupem, a gente tá negociando com o prefeito
esse projeto. Crianças, me façam um favor, procurem Joca
e digam que preciso de um dedo de prosa com ele.

A night scene with a full moon and stars over a village. The moon is bright yellow and partially obscured by a white cloud. The sky is dark blue with many small white stars. In the foreground, there are several houses with tiled roofs, some of which are partially obscured by dark silhouettes of trees or bushes. The overall atmosphere is quiet and contemplative.

Digam que amanhã, no final da tarde, quando a maré tiver baixa, espero por ele aqui, embaixo da Mangabeira Mãe. Depois, vão pra casa de vocês, porque tá na hora do de comer. Assim, partiram gritando e fazendo poeira. Diziam a uma só voz:

— Queremos Escola!
— Queremos Escola!
— Queremos Escola!
— Queremos Escola!
— Queremos Escola!
— Queremos Escola!

Em meio a sonhos e alegrias a criançada sumiu no lusco- fusco, crepúsculo vespertino que anunciava o anoitecer, e deu o recado ao tal Joca Barbudo, que ficou desconfiadoe pensando:

**— O que será
que aquela veia
quer comigo?**

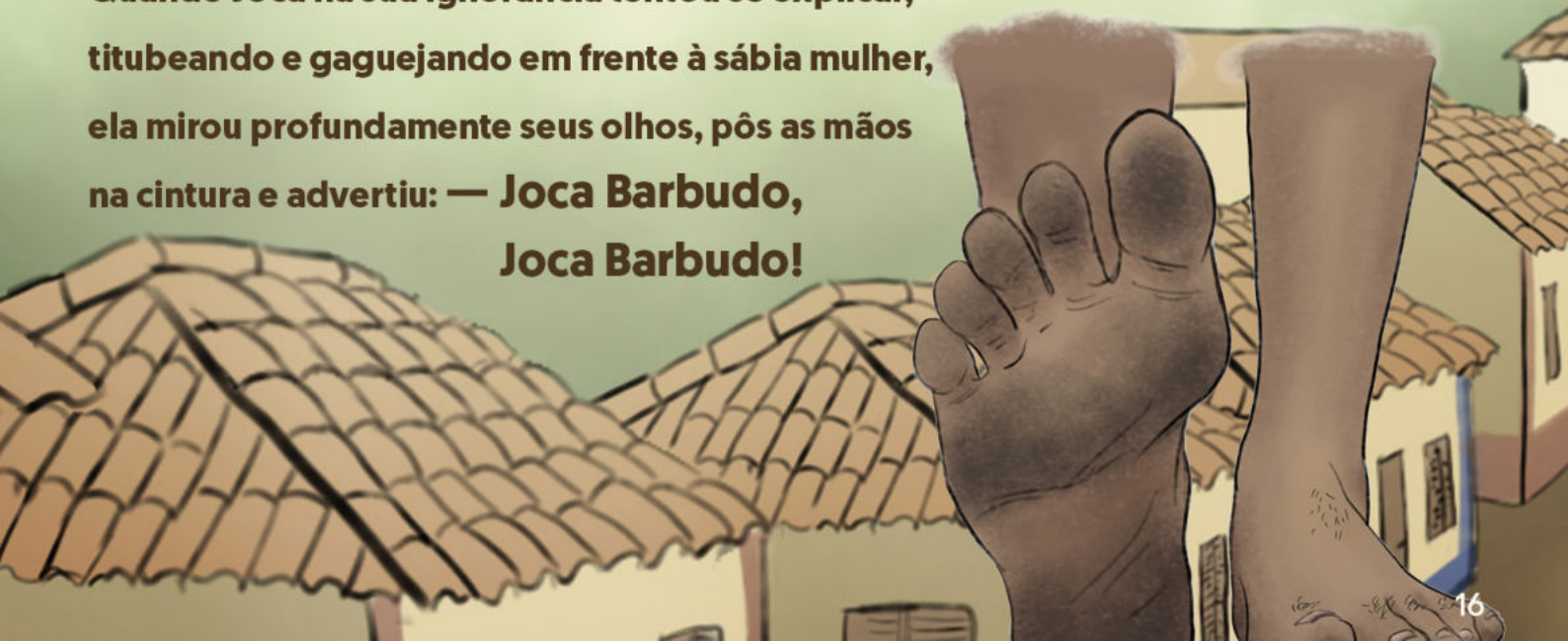
No local e hora marcados, Dona Sindola, sentadinha, com seu olhar de quem tudo sabe, esperava o dito cujo. Quando ela levantou a vista, viu o vulto caminhando em sua direção. Fácil saber que era ele: barba grande e desgrenhada, vestido com farrapos, chulapas de pés, e o pior de tudo, aquela inhaca azeda que arrastava uma nuvem de mosquitos e que sempre anunciava sua chegada.

— Quer falar comigo, Dona Sindola?

— Boa tarde pra você também, Joca! Sente aí. O homem de meia idade, aparência desleixada olhou a velha, com seu olhar estranho. Ela continuou:

— Que história é essa que você foi dizer pras crianças que elas não precisam de escola?

Quando Joca na sua ignorância tentou se explicar, titubeando e gaguejando em frente à sábia mulher, ela mirou profundamente seus olhos, pôs as mãos na cintura e advertiu: — **Joca Barbudo, Joca Barbudo!**



Ele franziu a testa, sacudiu os braços na sua certeza ignóbil e respondeu :

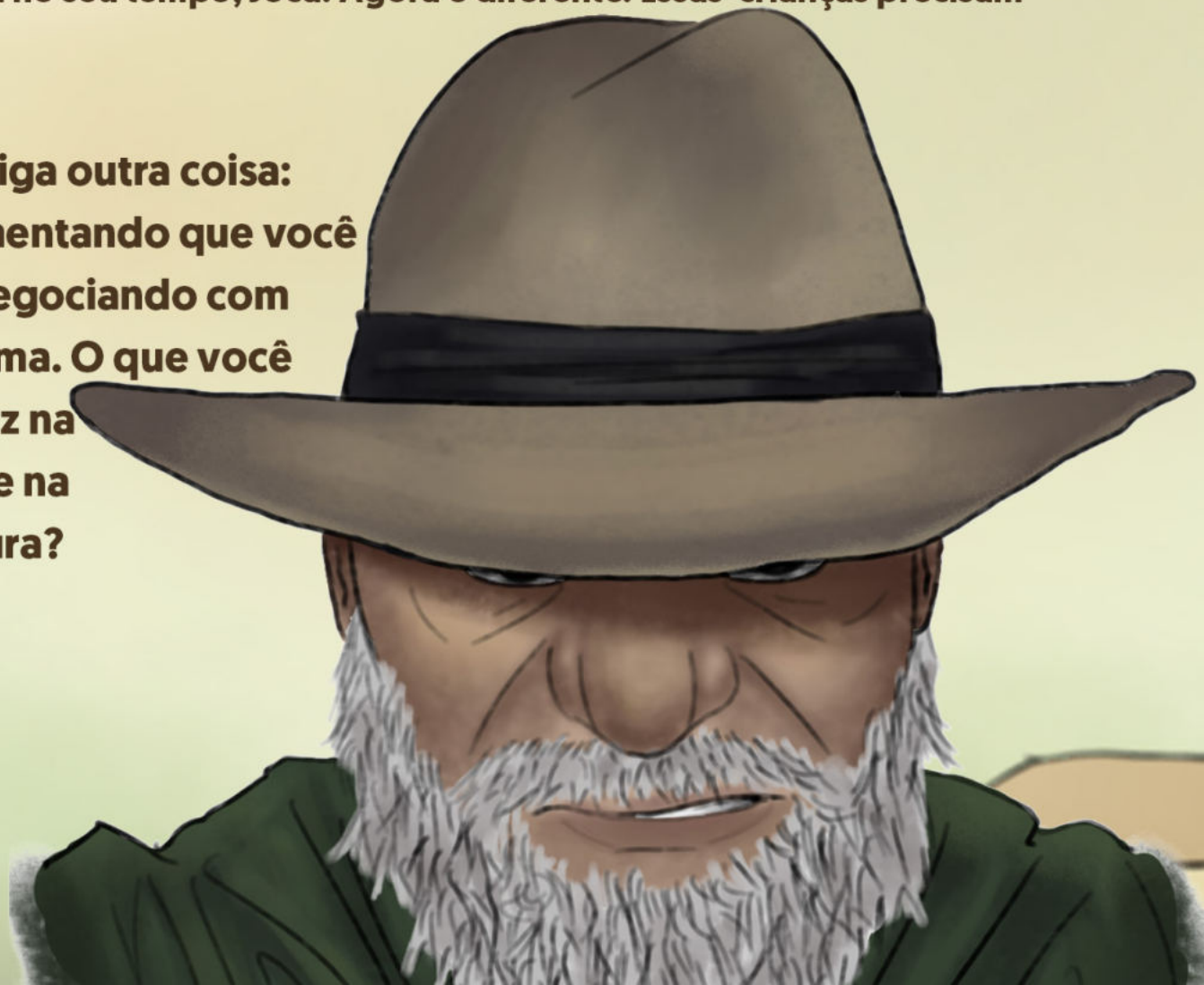
— A gente precisa dessas crianças é trabalhando Dona Sindola. Vão aprender o que na escola? Elas não já estudam com Dona Celeste?

— Estudam e precisam continuar estudando, mas com escola de telhado, parede e tudo que é necessário pra dignidade delas. É um direito!

— Eu aprendi tanta coisa e não precisei nem de escola e nem de diploma.

— Isso foi no seu tempo, Joca! Agora é diferente. Essas crianças precisam estudar.

**— Me diga outra coisa:
tão comentando que você
anda negociando com
uma firma. O que você
tanto faz na
cidade e na
prefeitura?**



Um passarinho já me contou que tá vindo aí um pessoal que quer construir um negócio aqui. Que negócio é esse Joca? Vá, desembuche, fale o que você anda planejando com esse povo de fora sem conversar com a gente?

O homem abaixou a cabeça, pois sabia que com Dona Sindola o buraco era mais embaixo, que ela não iria deixar se convencer por qualquer argumento. Olhou para ela com seus olhos zarolhos de raposa velha e desconfiado disse:

— Tô pensando no progresso de Esperança! Tá vindo um pessoal aí que vai apresentar o projeto deles para as lideranças.

Dona Sindola olhou para o céu, olhou para o cabra, apertou os olhos e murmurou...

— Um projeto...um projeto...sei...

— Então tá certo! Marque o dia e a hora e chame esse pessoal que aviso ao nosso. Pode ser daqui a dois dias, no começo da manhã, aqui mesmo, embaixo da Mangabeira.



Logo, Dona Sindola tratou de avisar ao seu povo o que estava para acontecer. Acalmou as pessoas e disse que teria uma prosa com a tal firma e a prefeitura, e que bastava somente que as lideranças participassem. Caso o caldo entornasse, seria necessária a presença de todos. Assim era como as coisas muito bem funcionavam em Esperança.

A vida no vilarejo, como de costume, seguiu tranquila; cada um, na sua rotina, tocava seus afazeres. Todos ficaram sabendo da reunião e, em meio a dúvidas e especulações, falavam:

— O que será que estão querendo com nosso lugar?

Indagavam alguns.

— Será que vão nos expulsar daqui?

Nunca, jamais. Diziam outros.

Mas, no fundo, no fundo, sabiam da força que tinham e que Dona Sindola e as lideranças nunca deixaram a peteca cair, quando o assunto era o bem comum do lugar.

Os dois dias até que passaram rápido e, quando amanheceu, a velha pediu às crianças que providenciassem cadeiras e fizessem uma roda embaixo da Mangabeira Mãe. Claro que Brisa foi a primeira a correr e, muito curiosa querendo saber de tudo, perguntou:

— Que conversa é essa que vai ter aqui, Dona Sindola? Estão dizendo um monte de coisas. Dizem até que tem gente querendo nos **expulsar**. Dona Sindola pôs a mão direita na cabeça da menina e falou:

— Fique tranquila minha fia, não é nada disso. Nós vamos resolver tudo. Ah, e na hora da tal reunião, vão brincar longe daqui. Depois eu conto tudo o que tá acontecendo.

Mas que nada! Parece que a curiosidade da menina aumentou e ela saiu matutando. Cumpriu o pedido de Dona Sindola e falou para os amigos e amigas irem para a beira do rio que ela logo chegaria. Quando a criançada sumiu das vistas, Brisa não contou conversa, olhou para os lados e, sorrateiramente, subiu na Mangabeira, carregando, como de costume, suas pedrinhas no bolso da saia. Em cima daquela árvore, seu mundo era diferente, Brisa se sentia mais próxima do céu, dos pássaros e avistava até a curva do rio. Após se balançar no seu galho favorito, apoiou as pernas, dando-lhe segurança, e tirou pacientemente uma a uma de suas pedrinhas. Abriu a roda da saia, que lhe servia de tabuleiro e começou a brincar de pinto-galo. Caladinha, viu Dona Sindola, com ar de preocupação, chegar silenciosamente junto com as lideranças. Joca Barbudo estava embriagado, falando alto e fumando sem parar.

Logo em seguida, dois carros, com a tal da equipe, fazendo poeira e barulho pararam quase em cima das cadeiras. Oito pessoas desceram e foram recebidas pelo grupo, que lhes deu as boas vindas. Dona Sindola, na sua quietude, disse:

— Pronto, podemos começar.

Uma assistente social da equipe propôs uma dinâmica e Dona Sindola com gentileza interrompeu:

— Minha fia, bora direto ao assunto, porque temos um monte de serviço esperando. A equipe se entreolhou e respeitou a determinação da matriarca. Um homem que se apresentou como engenheiro tirou, de um cano de papelão de quase dois metros, um papel que parecia um mapa, e, como num passe de mágica, jogou-o no chão, desenrolando-o, e falou em tom de locutor:

**— O progresso chegou a
Esperança.**



Percebendo o silêncio, levantou os olhos e fitou as pessoas da comunidade, que o olhavam com indiferença. Ele procurou não perder a pose e continuou:

— Vejam que beleza! **Esperança vai ter um Resort!!!**

Resort...Resort...Resort...Resort...Resort...??? O povo repetiu baixinho sem entender o que aquele homem estava dizendo. Dona Celeste foi quem acalmou o grupo:

— Calma gente, resort é um hotel. Um hotel de luxo.

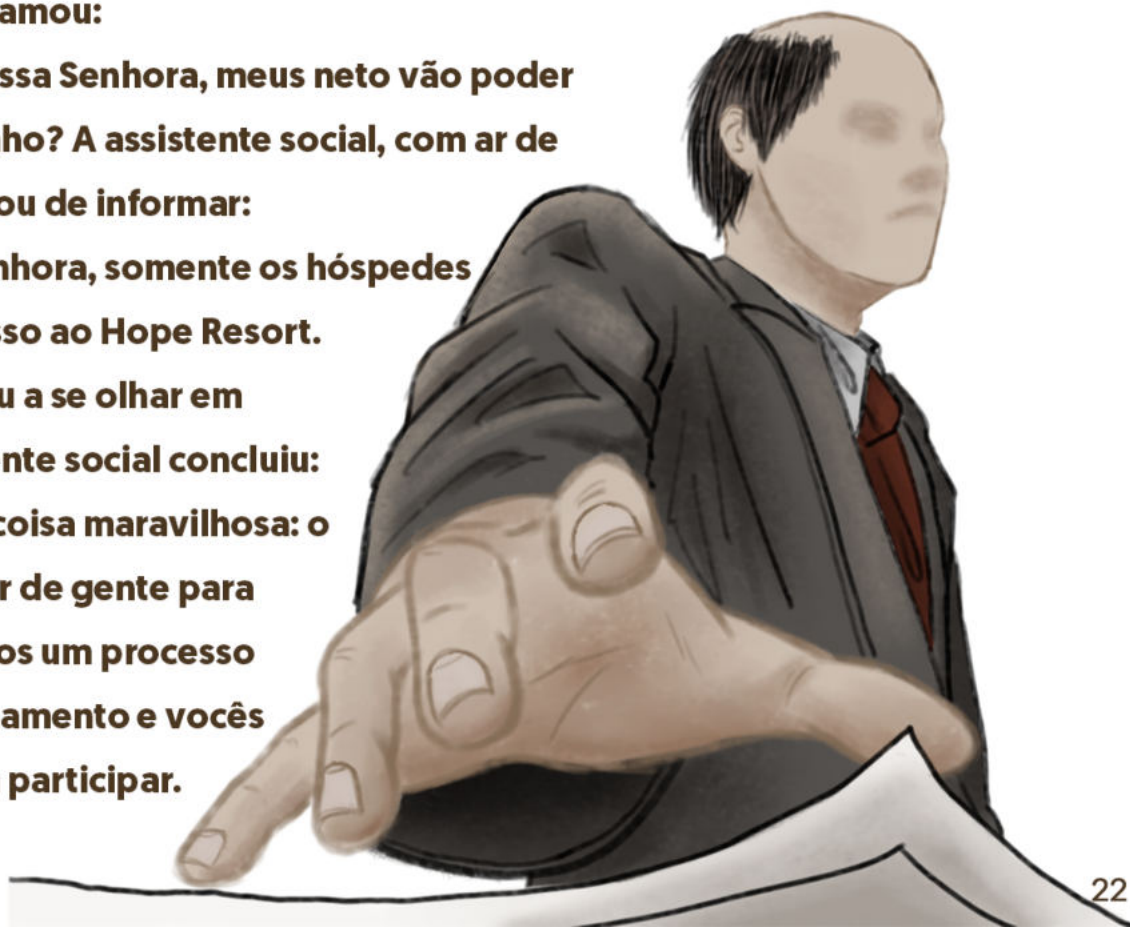
— É isso mesmo, professora! Traremos para o vilarejo um novo conceito de hotel, com quadras, piscinas, ancoradouros para os passeios, restaurante, pista de skate e de patins, píer flutuante de jet ski, praças, boates, parques de diversão... Dona Dalva, marisqueira, exclamou:

— Vixe minha Nossa Senhora, meus neto vão poder brincar nesse sonho? A assistente social, com ar de preocupada, tratou de informar:

— Não, minha senhora, somente os hóspedes poderão ter acesso ao Hope Resort.

O povo continuou a se olhar em silêncio. A assistente social concluiu:

— Mas, tem uma coisa maravilhosa: o resort vai precisar de gente para trabalhar! Faremos um processo seletivo, um treinamento e vocês todos até podem participar.



As inscrições serão on line, basta acessar nosso site.

As lideranças logo começaram, educadamente, a se manifestar, sentindo que aquele projeto de progresso não era coisa muito boa. De repente, ouviram uma voz aguda vinda do alto, como um grito:

— E a Escola?

Impactados, todos olharam para cima. Miraram e viram que era a menina Brisa. Dona Sindola, olhando para aqueles olhos de cambuí maduros, deu um sorriso de cantinho de boca e pediu a garota:

— Desça daí menina. Vá brincar com as outras crianças. Voltou o olhar para a equipe e perguntou:

— Sim, onde tá a Escola?

Dona Celese reforçou a solicitação e de pronto puxou uma proposta já sonhada e dialogada com a comunidade sobre um espaço educativo. Este espaço reuniria uma escola arejada, com equipamentos pedagógicos próprios, uma área de lazer, uma biblioteca e brinquedoteca, uma quadra poliesportiva, além de ateliê de artes e um espaço para a associação das mulheres de Esperança: extrativistas, artesãs, marisqueiras e bordadeiras, que estavam sendo convidadas para se unirem à

Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.

E tem mais, alertou ela:

— Não haverá a derrubada de nenhuma árvore e de nenhuma área que a comunidade considere patrimônio cultural e ambiental.

A equipe ouviu Dona Celeste e, a contragosto visível, falou fingindo gentileza:

— Tá bom. Nós vamos levar a ideia de vocês e conversar com os superiores.

Dona Sindola foi enfática:

— Pra começo de conversa ou é isso, ou nada feito. Foi aí que ouviram o ronco de Joca que acordou gritando:

— Acabou foi?

Dona Sindola, com sua autoridade Griô, ordenou:

— Passa pra casa homi, vá tomar um banho, um café e curar essa cachaça.

Demorou uma lua para a resposta chegar, mas veio e foi pelas mãos de Dona Celeste.

Dona Sindola reuniu toda a comunidade para compartilhar a esperada resposta, e, é claro, que ela já sabia! Pediu que levassem o de comer e o de beber. Foi uma fartura!

Teve licor de mangaba e murici, refrescos, fritada de aratu, feijão de coco com carne, mocotó, peixe frito, doces diversos e tantas outras iguarias que muito bem sabiam

fazer e que eram parte da rica e tradicional culinária do vilarejo. Ah! Nesses

momentos não podia faltar o **Trio de Forró Cruzeiro do Sul e o **Reisado Estrela da Manhã**, que, prontamente, foram convidados.**

No domingo logo cedo, estavam todos lá, conforme o combinado. Dona Celeste

subiu num banco e batendo três palmas para ser vista e ouvida, falou em alto e bom som:

— Atenção minha gente, a tal resposta chegou!!! O resort será construído, não teve jeito, mas não se preocupem! Uma equipe da comunidade será formada e contratada

para acompanhar e fiscalizar a obra. Tudo será feito sob a nossa vigilância. E com um largo sorriso proclamou:

— E o melhor de tudo: Nossas exigências serão atendidas! Nossos produtos serão valorizados e nossa mão de obra será aproveitada.

— Teremos Escola, perguntou Brisa?

— Claro, minha filha, **teremos Escola!!!**

A criançada, em coro, começou a pular e gritar: **teremos escola, teremos escola, teremos escola...**

Foi tanta alegria em meio aos abraços e palavras de gratidão, que somente o comando de Dona Sindola para o sanfoneiro fez a festa começar.

— Puxe o fole sanfoneiro!!! Manda descer as figuras do Reisado. E viva o povo de Esperança!

O tempo passou, passou e, como dizia Dona Sindola, **o tempo é sábio.**

A vida por ali continuou no seu esperar, só que essa espera foi um sonho sonhado juntos. Um sonho que agora era real, que seguia o ritmo do vento morno, o movimento das águas da maré, o cheiro de fruta madura, o som dos pássaros e bichos do território e as cores matizadas do nascer e do pôr do sol, que ainda faziam do vilarejo um território de esperança. O barulho alegre das crianças do lugar e suas brincadeiras continuavam compondo a paisagem sonora dali. Agora, no entanto, ouvia-se da tão sonhada Escola Esperançar, a sinfonia do aprendizado:



— **Bom dia
professora
Celeste!!!**



Realização



Apoio



Parceria

